

ATA DA COMISSÃO DA I BIENAL
I BIENAL DE ESCULTURA
AO AR LIVRE /RJ

1989

Livro 41

Este livro contendo cem páginas é destinado às atas das reuniões da Comissão de Curadoria da I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro e da Comissão de Artistas Participantes da I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1988

Aralina Pereira Madalena
Secretária

COMISSÃO DE CURADORIA DA 1ª BIENAL DE ESCULTURA AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO E COMISSÃO DE ARTISTAS PARTICIPANTES DA 1ª BIENAL DE ESCULTURA AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO.

Ata da 2ª Reunião Ordinária

Aos vinte dias do mês de dezembro de mil, novecentos e oitenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, na sala da diretoria da Escola de Artes Visuais, Parque Lage, na rua Jardim Botânico número 414, às dezoito horas e cinquenta minutos reuniram-se os Conselheiros Franco Texanova, Teresa Cristina Rodrigues, Maurício Leite Barbosa (da Comissão de Curadoria da 1ª Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro) e o Artista Plástico Milton Machado (da Comissão de Artistas Participantes da 1ª Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro). Participaram também dessa 2ª reunião os artistas plásticos Gerardo Vilaseca (representante da Escola de Artes Visuais junto às duas comissões) e Luiz Aquile (diretor da Escola de Artes Visuais e Presidente da Associação dos Amigos da Escola de Artes Visuais). Abrindo a sessão o Conselheiro Franco Texanova justificou o convite que fizera a Luiz Aquile para participar da reunião; tendo se encontrado à tarde com a sub-secretária Aspásia Camargo, digo, sub-secretária de Estado de Cultura Aspásia Camargo ele poderia enriquecer a discussão com suas informações e observações. Em seguida, o próprio Conselheiro Texanova propôs a participação de dois membros de cada comissão nas reuniões para que assim se tivesse maior clareza das ques-

Aim

tões, melhores discussões e decisões, com o que todos concordaram. Comunicando seu encontro com representantes da Fundação Roberto Marinho no qual tentaria que esta encampasse a Bienal, o Conselheiro Franco Texanova expressou seu desejo em fazer uma Bienal de bom nível e saudável afirmando que isso demandaria um ano de preparação, mas o Artista Plástico Milton Machado lembrou a emergência da realização da Bienal visto que há artistas com seus trabalhos prontos e observou que é grave a questão do dinheiro devido aos artistas; daí a necessidade de encontro destes com a sub-secretária Aspásia Camargo na intenção de comprometer mais uma vez o Estado com a Bienal e fazê-lo assumir a dívida. Intervindo, o diretor da Escola de Artes Visuais - Luiz Aquila - segundo qual foi "entregar a Bienal ao Estado", fez observar que no momento é menor a perspectiva de dinheiro por parte do Estado e que a situação deste e do Governo Federal é bem diferente daquela do início do ano de 1988 quando foi prometida a verba para a Bienal, todavia, concordou que se desse o encontro dos artistas com a sub-secretária Aspásia Camargo ressaltando a importância de se zerar a relação entre artistas e Estado. Devido a essa urgência (observada pelo Artista Plástico Milton Machado) em atender aos artistas, concluiu-se que a Bienal de 1988 seria realizada em 1989, três meses após ter sido paga a 3ª parcela da ajuda de custo devida aos artistas, e que a de 1989, digo, de 1990 seria realizada em 1992 e que o Conselheiro Franco Texanova levaria à Fundação Roberto Marinho o mês de junho de 1989 como

data da abertura da Iª Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro. Todos concordaram com as duas propostas do Artista Plástico Milton Machado que são as seguintes: 1ª) enviar carta circular, digo, uma carta circular aos artistas (convidados e selecionados) informando-os detalhadamente do novo processo. O Conselheiro Franco Texeira observou que os artistas devem ser informados sempre; 2ª) tentar a adoção da Bienal pela campanha "Se Liga Rio" e para tal a Conselheira Teresa Cristina Rodrigues se prontificou, a fazer o, digo, a iniciar o contato com Betinho. Foi a Conselheira Teresa Cristina Rodrigues que propôs que ao mesmo tempo se formasse o Círculo de Amigos da Bienal que começaria com feitura de um fichário no qual constariam nomes que pela sua natureza viessem, a saber, digo, a auxiliar a viabilização da Iª Bienal. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a presente sessão. E eu, Arealina Pereira Madalena, redigi e lauxei a presente ata, que vai por mim datada e pelos membros das Comissões assinada.

Rio de Janeiro, 27 de dez, digo, dezembro de 1988.

Milton Machado.

Franco Texeira
 Franco Texeira

COMISSÃO DE CURADORIA DA I BIENAL DE ESCULTURA AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO E COMISSÃO DE ARTISTAS PARTICIPANTES DA I BIENAL DE ESCULTURA AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO

Ata da 3ª Reunião Ordinária

A P 007

8

Aos vinte e sete dias do mês de dezembro de mil, novecentos e oitenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, no número 414 da Rua Joaquim Botânico, onde se localiza o Parque Lage, onde funcionava a Escola de Artes Visuais, reuniram-se, na sala da diretoria desta Escola, às dezoito horas e trinta minutos, os Conselheiros Franco Texanova (representando a Comissão de Curadoria da I Bienal de Escultura ao Ar Livre) e Gerardo Vilaseca (representando a Escola de Artes Visuais junto às duas comissões) e os Artistas Plásticos Milton Machado e Jorge Barão (representado, digo, representando a Comissão de Artistas Participantes da I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro). Ausente, por motivo justificado, o Conselheiro Maurício Leite Barbosa. Aberta a sessão, foi lida e aprovada a ata da reunião anterior (2ª, de 20-12-88). Seguindo a ordem do Dia, passou-se à leitura - pelo Artista Plástico - Milton Machado - da Carta aos Artistas Participantes da I Bienal do Rio, que foi elogiada por todos sofrendo, porém duas ressalvas a saber: 1ª) no terceiro parágrafo, o Conselheiro Gerardo Vilaseca observou a não inclusão do nome de Nelson Augusto na comissão para conduzir a I Bienal; logo em seguida o Conselheiro Franco Texanova observou que o nome do Conselheiro Gerardo Vilaseca também não constava entre os nomes dessa comissão. Milton Machado - redator da carta - fez imediatamente as devidas correções. 2ª) A 2ª ressalva concernia o ponto número 7 do sétimo parágrafo e fez com que se passasse ao terceiro item da pauta. O Conselheiro Franco Texanova reafirmando seus elogios à carta disse que gostaria de acrescentá-la aos documentos que estava levando para o Sr. Joaquim Falcão, re-

APM

representante da Fundação Roberto Maurinho, no dia 3 de
 janeiro de 1989, mas observou que seria pouco político e não-
 ético que a Fundação tomasse ciência da discussão sobre
 a dívida do Estado de Cr\$120 milhões para com os artistas-
 neste momento de contato inicial e quis saber se se pu-
 desse suprimir essa passagem da carta. Todos concordar-
 am, disseram, digo, disseram que sim, porém Milton
 Machado deixou claro que esse ponto, digo, ponto voltaria
 a constar de, digo, numa carta dos artistas reconhe-
 cendo sua representatividade, na sub, digo, junto a sub-co-
 missão executiva. Quanto ao encontro do Conselheiro-
 Franco Texanova com o Sr. Joaquim Falcão concluiu-se
 que o Conselheiro pedira a este uma certa urgência -
 em sua resposta reforçando a necessidade da I Bienal
 do Rio se realizar ainda este ano através de dois-
 argumentos: 1º) a proximidade da Bienal de São Paulo; 2º)
 encampar, digo, encampando a I Bienal do Rio e tor-
 nando realidade uma possível Fundação Bienal do-
 Rio, a Fundação Roberto Maurinho estará real, digo, -
 relacionando seu prestígio a um projeto cultural junto-
 à comunidade, o que não faria, digo, o que não fa-
 xa' senão aumentar tal prestígio. O Conselheiro Franco-
 Texanova quis ainda saber se se teria necessidade
 de continuar a cobrar do Estado a verba de Cr\$120 mi-
 lhões caso se obtivesse uma resposta positiva por par-
 te da Fundação Roberto Maurinho. Milton Machado respon-
 deu que sim, pois além de se sentir lesado como ar-
 tista, sentia-se lesado enquanto cidadão e achava que
 todos deviam cobrar esta dívida. Não se desenvolveu o í-
 tem, digo, o item 4 da pauta "Medidas Executivas" devi-
 do à ausência da Conselheira Teresa Cristina Rodrigues que
 ficava encarregada de contactar o Betinho da campanha.

"Se Liga Rio" e também por ter que se aguardar o resultado da conversa entre o Conselheiro Franco Texeira e a Fundação Rober Marinho, Roberto Marinho através do Sr. Joaquim Falcão. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. E, para constar, eu, Maria Ma, digo, Oxalina Pereira Madalena, Secretária da Sub-Comissão, laurei a presente ata, que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros das Comissões.

Rio de Janeiro (RJ), 04 de janeiro de 1989
Em tempo: nas linhas onde se lê "discussão sobre a dívida do Estado de Cz\$128 milhões para com os artistas" — leia-se "discussão sobre a verba suplementar de Cz, digo, Cz\$128 milhões (valor corrigível), que teria sido liberada para a Escola de Artes Visuais e para a realização da Bienal."

Rio de Janeiro (RJ), 04 de janeiro de 1989

Milton Machado -

Franco Texeira

Guadalupe Vilela.

COMISSÃO DE CURADORIA DA I BIENAL DE ESCULTURA AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO E COMISSÃO DE ARTISTAS PARTICIPANTES DA I BIENAL DE ESCULTURA AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO

Ata da 4ª Reunião Ordinária

Aos quatro dias do mês de janeiro de mil, novecentos e oitenta e nove, nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, no número 414 da Rua Jardim Botânico, onde se localiza o Parque Lage, onde funciona a Escola de Artes Visuais, reuniram-se, na sala da diretoria desta Escola, às dez e oito horas e trinta minutos, o artista plástico Milton Machado-

APM

(representando a Comissão de Artistas Participantes da I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro) e os Conselheiros — Franco Texanova (representando a Comissão de Curadoria da I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro) e Gerardo Vilaseca (representando a Escola de Artes Visuais — junto às duas comissões). Aberta a sessão, foi lida e aprovada a ata da reunião anterior (3ª, de 04-01-89). Em seguida o Conselheiro Franco Texanova comunicou que do seu encontro com o senhor Joaquim Falcão da Fundação Roberto Marinho não pôde sentir nenhuma reação, favorável ou desfavorável, ficando este de ler todos os documentos com cuidado. Como carecia de uma certa pressa em sua resposta, o conselheiro, digo, Conselheiro pediu-lhe que esta fosse dada no máximo até o dia treze de janeiro de 1989. Como todos concordaram que o mais urgente é o dinheiro dos artistas, discutiu-se o encontro — destes com a sub-secretária de Cultura Aspásia Camargo. Segundo o artista plástico Milton Machado o que define esse encontro é o como fazer a cobrança ao Estado, digo, da dívida ao Estado, isto é, os artistas devem estar organizados: munidos de um documento protocolado e assessorados por um advogado lhes indicando realmente o que devem cobrar. Deixou claro mais uma vez que a Direção da Escola de Artes Visuais e que as comissões de Curadoria da I Bienal devem também participar dessa cobrança indo ao encontro e assinando o documento dos artistas ou elaborando um outro. Logo após ter respondido, es, digo, esclarecido que o adiantamento aos artistas dos Cr\$18 milhões tinha sido feito através da Associação dos Amigos da Escola de Artes Visuais, o Conselheiro Gerardo Vilaseca afirmou que

a melhor forma de se cobrar o compromisso do Estado seria, fazer um novo pre, digo, seria apresentar-lhe um novo projeto, no qual se discriminaria o crédito para os artistas (os Cr\$ 110 milhões corrigidos) e a verba para a realização da I Bienal. Como do crédito de Cr\$ 128 milhões aproximadamente Cr\$ 59 milhões destinavam-se às benfeitorias - no prédio da Escola foi levantada a questão se essa obra era fundamental. O Conselheiro Gerardo Lins de Saia respondeu que sim, pois há as exposições paralelas como a Sala Especial a ser montada no terraço da Escola, digo, do prédio, a exposição de desenhos de escultores e a exposição histórica sobre o múltiplo tridimensional no Brasil a serem montadas na Galeria da Escola. Primeiramente o artista plástico Milton Machado levantou a hipótese de se eliminar a sala especial caso esta fosse empecilho para se realizar a Bienal. Discutiu-se a questão e viu-se que tal eliminação não era um bom caminho visto que na sala esp, digo, especial há nomes de, digo, nomes importantes no panorama da escultura brasileira e argumentou-se que a obra de reforma do prédio (principalmente a impermeabilização) só beneficiaria a Escola que se encontra em lamentáveis condições de conservação (goteiras, instalações elétrica e hidráulica precárias, etc). Concluiu-se então que da Sala Especial retirar-se-ia os nomes dos artistas falecidos devido ao alto custo do seguro das obras. Discutiu-se também a permanência dos nomes artista, digo, dos artistas atuantes nessa sala e levantou-se a questão de que se a

antiga curadoria tinha se comprometido com, digo, ou não com a compra das obras. Para não haver dúvidas consultou-se a carta do dia 22 de junho de 1988 assinada pelo curador Frederico Moraes enviada aos artistas, na qual verificou-se que não estava firmado nenhum compromisso de compra no que se concluiu que seria renovado o convite com o pedido de empréstimo das obras aos artistas, o que baratearia sensivelmente os custos da I Bienal. Foi discutida a questão da dívida e a solução para o pagamento do projeto do catálogo da I Bienal. Todos ficaram cientes de que apesar de ter sido apresentada a "boneca", a antiga curadoria não gostou da mesma e concluiu-se que o projeto após passar pela apreciação da nova curadoria (caso houvesse patrocínio) seria rediscutida a forma de se efetuar o pagamento do trabalho até então realizado. A reunião desembocou em duas medidas práticas: 1ª) convocação dos Amigos da Escola de Artes Visuais para reunião em 06-01-89 às 18h e 30min na qual se discutiria o que fazer caso os patrocínios em andamento não se concretizassem; 2ª) foi fixado para o dia 14-01-89 (terça-feira) (a confirmar) o encontro dos artistas, da direção da Escola de Artes Visuais e das Comissões com a Sub-secretária de Cultura Aspásia Carnaego. Não tendo elementos para se discutir os itens 2, 3 e 4 da pauta foi encerrada a sessão. E, para constar, eu Aralina Pereira Madalena, Secretária da Sub-comissão de curadoria da I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio

de janeiro, lauxei a presente ata, que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Sub-comissão.

Rio de Janeiro (RJ), 13 de janeiro de 1989
Em tempo: a ata acima foi lida no dia 24 (vinte e quatro) do mês de janeiro de mil, novecentos e oitenta e nove por ter sido dito por não ter havido quorum para a realização da reunião. Seguem-se as assinaturas:

Oralina Pereira Madalena

Milton Medeiros.

Franco Texanova

Gerardo Vilaseca.

COMISSÃO DE CURADORIA DA I BIENAL DE ESCULTURA
AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO E COMISSÃO DE ARTISTAS PARTICIPANTES DA I BIENAL DE ESCULTURA
AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO

Ata da 5ª Reunião Ordinária

Aos vinte e quatro dias do mês de janeiro de mil, novecentos e oitenta e nove, nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, no número 414 da Rua Jardim Botânico, onde se localiza o Parque Lage, onde funciona a Escola de Artes Visuais, reuniram-se, no auditório desta Escola, às dezoito horas e trinta minutos, os Conselheiros Franco Texanova e Teresa Cristina Rodrigues (representando a Comissão de Curadoria da I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro), o Conselheiro Gerardo Vilaseca (representando dito o Artista

APM

Plástico Milton Machado (representando a Comissão de Artistas Participantes da I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro e o Conselheiro Gerardo Vilaseca (representando a Escola de Artes Visuais junto às duas comissões). Aberta a sessão, foi lida e assinada a, digo, e aprovada a ata da reunião anterior (04-01-89). Na parte das comunicações Milton Machado explicou que, devido a um engano quanto a horário, os representantes dos artistas não puderam estar presentes no encontro do dia 17 de janeiro de 1989 entre estes, a Escola de Artes Visuais e a Sub-secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Comunicou que, apesar disso, deixaram para a Sra Aspásia Camargo - sub-secretaria de Cultura o documento que tinham preparado e que aguardavam a confirmação de outro encontro, desta vez, só entre esta e os artistas. Em seguida foi feito pelo sr. Franco Texanova o resumo da reunião em que, segundo ele, a Sub-secretaria, Aspásia Camargo, mostrou-se aberta ao encaminhamento (incluindo o entendimento com os armadores) da realização da I Bienal para o próximo ano, porém, o sr. Gerardo Vilaseca fez saber a todos que, naquele mesmo dia (24-01-89), a Sra. Aspásia Camargo, através de um telefonema, comunicou à IAV que na primeira quinzena de janeiro o (sr.) Ministro da Agricultura, sr. Iriis Rezende, assinara o convênio entre o Ministério da Agricultura e o Governo do Estado do Rio de Janeiro e que em consequência dessa assinatura ela gostaria da realização da I Bienal ainda este ano. Logo em seguida a este comunicado foi dito que, se o restan-

te da verba dos artistas) estivesse realmente ga-
tido, a I Bienal em 1989 seria importante para
"desencantar" a sua realização. Para que não se
ficasse discutindo, ^{mente} em uma de hipóteses foi acé-
ta a proposta de se ler o documento dos artis-
tas, tendo claro que nada avançaria sem a respos-
ta oficial a este documento, mas orientados
pelos 3 (três) argumentos e 3 (três) solicitações,
mele contidos, todos concordaram com os 6 (seis)
pontos que se seguem: 1º) o mais importante —
para a sub-comissão (q) (d) é a maturidade ^{de aui} acres-
cida à organização da Bienal; 2º) essa organiza-
ção tem que se dar sem se deixar cair no ardil-
político, digo, político "liberação da verba — pressa e —
asi digo ansiedade — Bienal mal feita"; 3º) se se
evita esse ardil-político resguarda-se o compromisso
com a idéia da Bienal, o qual é maior do que
o compromisso com a verba para sua realização; 4º) —
resguardando o compromisso com a idéia da Bienal
mantem-se o respeito ao artista e o respeito ao —
evento; 5º) garantido o pagamento dos pro-labore dos
artistas, as obras serão estocadas pelo Estado; 6º)
no catálogo ler-se-ia — então — fotos dos protótipos e
também dos trabalhos, isto é, segundo a Conse-
lheira Teresa Cristina Rodrigues o processo e o
produto dos artistas estarão documentados. Quanto ao
segundo item da ordem do dia (Fundação Roberto
Marinho) o sr. Franco Texanova fez saber que toda a
documentação tinha sido passada para a senhora-
Margarida Ramos do Departamento de Assuntos Es-
peciais da Instituição e declarou que achava —
muitíssimo pouco provável que alguma coisa, quanto

à idéia de uma Fundação Bienal Rio, se concretizasse por este ano. Referindo-se ao último item da ordem do dia, a Conselheira Teresa Cristina Rodrigues comunicou que tinha sido feito o contato com o Betinho e que ele se mostrou interessado querendo saber mais sobre o evento e querendo aprofundar a questão do elo entre I Bienal do Rio e a campanha Se Liga - Rio. Decidiu-se que o documento dos artistas entregue à sub-secretária Aspásia Camargo seria enviado a todos os artistas envolvidos na Bienal através da Escola de Artes Visuais. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. E, para constar, eu Arealina Pereira Madalena, secretária da Subcomissão de Curadoria da I Bienal de Escultura do Rio de Janeiro, laurei a presente ata, que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Sub-comissão.

Em tempo: o documento, digo, a cópia do documento dos artistas entregue à (Sra). Sub-secretária de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Aspásia Camargo, segue anexa a esta ata no verso da folha 7, na folha 8 e verso deste livro.

Rio de Janeiro, 13 de março de 1989

Milton Muller.
 Franco Terra
 Gerardo Vilasoa.

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1989

À Sub-Secretária de Cultura do Estado do Rio de Janeiro
Exma Sra. Aspásia Camargo

Prezada senhora

Na qualidade de representante dos artistas selecionados e convidados para a I Bienal de Esculturas do Rio, apresentamos, em nome desse coletivo, argumentos e solicitações que gostaríamos de submeter à sua apreciação.

1º argumento:

O circuito nacional de artes plásticas sempre cogitou da oportunidade e possibilidade de realização, no Rio de Janeiro, de um evento artístico de grande porte que, em contraponto à já tradicional Bienal Internacional de São Paulo, fizesse desta cidade e do país focos de atenções permanentes deste circuito, em âmbito internacional.

A idéia e a ousadia de Frederico Moraes de tentar pô-la em prática com a I Bienal de Esculturas do RJ, em 1988, revestiu-se, portanto, de grande importância. Tal compreensão já foi demonstrada de início, pela afluência de artistas concorrentes de todo o Brasil, com cerca de 600 projetos apresentados, e reafirmada pelos espaços abertos pela imprensa para divulgá-la e comemorá-la, amplamente.

O projeto geral da I Bienal é, decerto, do conhecimento desta Secretaria, que a tem apoiado: além da exposição dos 35 artistas selecionados e convidados, também comporiam a mostra um "Jardim de Obras de Escultores Históricos", salas especiais do "Múltiplo Tridimensional" e de "Projetos de Escultores", bem como a realização de um amplo "Simpósio Internacional sobre Esculturas em Espaços Públicos". Seria redundante chamar a atenção para o retorno, em vários níveis além do estritamente cultural, que a boa e integral realização deste evento significaria para a cidade, para o estado, e para o país.

2º argumento:

Uma vez definidos os artistas e selecionados seus projetos para a exposição, foi firmado contrato entre partes, referido como "Termo de Compromisso Para Participação", entre - de um lado - a Escola de Artes Visuais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado e - de outro lado - os artistas. Neste Termo de Compromisso ficam estabelecidos obrigações e direitos de ambas as partes, incluindo um "Artigo 5º", que diz respeito à concessão de um

pro-labore ao artista, no valor integral de 725,97 OTNs, pagáveis em três parcelas, respectivamente em 15/9, 5/10 e 5/11 de 1988.

Tal pro-labore visaria a ajuda de custos para a execução das esculturas, em geral onerosas, por se tratarem de obras de algum porte, em certos casos até monumentais.

Animados pelo entusiasmo e pelo desafio de enfrentar um novo trabalho, pela perspectiva de grande visibilidade pública inerente à Bienal, e pela confiança irrestrita no Termo de Compromisso, documento oficial que lhes dava garantias de meios para a realização do trabalho, lançaram-se os artistas à sua execução. Em muitos dos casos foi necessário buscar patrocínios, complementares ao pro-labore, junto a empresas da iniciativa privada que, se decidiram assumi-los, o fizeram também confiantes na realização do evento e na perspectiva positiva de um significativo retorno institucional e promocional. Em muitos outros casos, mesmo diante e apesar da defasagem entre a data prometida para o primeiro pagamento (15/9) e sua efetivação (3/10), e mesmo apesar das defasagem dos valores, que foram pagos em outubro pela OTN de setembro, muitos artistas - ainda confiantes - assumiram pessoalmente os custos de seus trabalhos, esperando que, em curtíssimo prazo, logo fossem ressarcidos.

Infelizmente, além do primeiro pagamento, já feito com atraso e com valor irregular, os pagamentos da segunda e terceira parcelas - assumidas como compromisso no Termo - não foram efetivadas, deixando um saldo de prejuízos pessoais que extrapolam o nível financeiro, já suficientemente grave, para estender-se aos próprios meios de vida dos artistas: considere-se que a execução de uma obra de tal porte e importância envolve dedicação exclusiva e uma grande dose de empenho e desgaste.

3º argumento:

São conhecidas as causas que - até certo ponto - justificariam a crise que teria impedido não só que se cumprissem os compromissos referentes a tais pagamentos aos artistas como a própria realização do evento: como principal argumento têm sido citadas as inoportunas gestões do IBDF, visando o inaceitável despejo da EAV do Parque Lage. Outros argumentos são explicitamente apontados por Frederico Morais em suas cartas de demissão da Direção da Escola e da Curadoria da Bienal.

Os artistas, embora compreendam que tal crise existe, e que é grave, não a reconhecem como causa suficiente para que um evento de tal importância e alcance, tão ambicionado e sonhado, se veja definitivamente comprometido, e para sempre abandonado como idéia ou projeto. Tampouco aceitam a mesma crise como argumento para que sejam descumpridos os compromissos assumidos oficialmente, relativos ao pagamento de seus pro-labore.

Dos três argumentos aqui apresentados resultam as seguintes solicitações:

8

1ª solicitação:

Que o Estado, através de sua Secretaria de Educação e Cultura, assuma compromissos com a idéia e com o projeto de realizar, bienalmente, uma exposição de arte de âmbito amplo, tendendo ao internacional, respaldando-a oficialmente com seu tão necessário apoio institucional.

Este envolvimento significaria implicitamente que o Estado procuraria criar e oferecer todas as condições necessárias para a realização do evento, inclusive assumindo parte de seu ônus financeiro. Tal medida seria tornar permanente - e efetivo - o compromisso já assumido - e não cumprido - pelo Estado com esta I Bienal, onde lhe caberia suprir metade dos recursos necessários, cabendo a outra metade à iniciativa privada.

2ª solicitação:

Que o Estado avalie sua responsabilidade na questão relativa ao pagamento dos pro-labore aos artistas. Consideram estes que o Termo de Compromisso, assinado pelo Diretor da Escola de Artes Visuais da Secretaria de Estado de Educação e Cultura - o que faz dele um seu representante - coloca o Estado como fonte e origem deste compromisso, na medida de sua avalização oficial, reafirmada por carta do Exmo. Sr. Rafael de Almeida Magalhães, de 11 de outubro de 1988.

Neste sentido, a solicitação visa a cobrança, junto ao Estado, da amortização da dívida restante, no valor de 483,98 OTNs para cada um dos 30 artistas, correspondentes às duas parcelas, de três, acrescidas da diferença em OTNs devidas no primeiro pagamento, em prazo o mais breve possível, senão imediato.

3ª solicitação:

Que o Estado, através de seus representantes nesta Secretaria, procure a comunicação com artistas e demais envolvidos neste evento em crise, visando esclarecer suas posições. Como sugestão, propomos e solicitamos que a Secretaria envie cartas aos artistas respondendo às solicitações constantes no presente documento, além de contatar críticos e artistas estrangeiros convidados para o "Simpósio Internacional", visando, de certo modo, "suavizar" o efeito negativo das sucessivas cartas e telefonemas feitos pela EAV, convidando-os e desconvidando-os para a participação no evento, o que representa, na compreensão dos artistas, um desprestígio não só para a classe, mas para todos os produtores de cultura deste estado, bem como para a própria imagem externa do país, que já nos é - sabidamente e infelizmente - desfavorável.

Creemos que nós, artistas e produtores culturais, homens e mulheres de idéias, independentemente de ocuparmos ou não posições institucionais, temos o dever de trabalharmos para a recuperação dessa imagem, o que significa trabalhar o resgate de nossos melhores valores ou, simplesmente bem trabalhar.

Aguardando suas respostas, e com a expressão de nossos mais sinceros respeitos, subscrevemo-nos

Milton Machado
artista plástico

Milton Machado

COMISSÃO DE CURADORIA DA I BIENAL DE ESCULTURA
AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO E COMISSÃO DE AR
TISTAS PARTICIPANTES DA I BIENAL DE ESCULTURA
AO AR LIVRE DO RIO DE JANEIRO

6.^a Reunião Ordinária

Ordem do Dia

- 1 - Reunião dos artistas e sub-secretária de cul
tura.
- 2 - Fundação Roberto Marinho
- 3 - Sobre as salas especiais
- 4 - Medidas executivas